

Entrevista

NÉLIDA PIÑÓN

Maria Inês de Moraes Marreco*

Maria Inês: Em que época da sua vida você descobriu que queria ser escritora e o que mais a influenciou?

Nélida Piñón: Você sabe que eu explico isso muito no **Coração andarilho**. Você leu. Eu acho, evidentemente, por mais que eu puxe uma precisão, eu acumulo pressões, reflexos que a minha memória vai percebendo. A sensação que eu tenho é que desde muito cedo, sei lá, sete ou oito anos, eu queria ser escritora porque eu era apaixonada pela literatura. Pelos livros. Eu imaginava que o livro fosse um produto da imaginação humana, da imaginação daquele escritor que vivera cada face após escrever. Então, eu queria, evidentemente, viver as aventuras.

Até hoje eu acho que o que mais me perturba na vida é ser uma aventureira. Uma vez, me perguntaram numa entrevista para um jornal, essas brincadeirinhas, “O que você gostaria

de ser e em que período viver?” Eu respondi: Por exemplo, de ter sido uma aventureira capaz de ter feito uma peregrinação até Jerusalém. Mas não com fins teológicos, religiosos, apenas para poder viver as aventuras a cada instante. Eu tenho um lado de aventureira. É o que eu gostaria. De ser aventureira. E imaginava que a literatura me daria essa abertura extraordinária. Tanto que, me lembro bem, eu achava que devia ser a maior maravilha do mundo poder jamais dormir uma segunda noite no mesmo lugar. É uma frase que eu digo muito. É uma verdade que eu sempre repito. Eu era muito feliz em casa. Eu não tinha um lar desfeito, tinha pais suaves e carinhosos, mas é que eu gostava da vida lá fora. Eu nunca me deixei prender a nada profundamente. Tem um certo limite, é claro. Mas a regras institucionais, normativas, nunca quis.

* Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, na PUC-MG e em Literatura Brasileira na UFMG.

Eu não poderia corresponder, dado a esse afã da aventura que a literatura de criação esteve associada, a essa inclinação, a esse desejo de peregrinar pelo mundo. A literatura para mim é isso, uma grande peregrinação também, pela geografia, pelas almas, pelos mistérios pelos quais nós nos comandamos, sem jamais dar-nos uma solução. É difícil que nós nos esclareçamos, o mistério é talvez o que mais nos define. Somos criadores de mistérios e herdeiros dos mistérios que os demais criaram.

MI: É difícil ser escritora no Brasil?

Nélida Piñon: Dificílimo. É muito fácil se você tem sonhos ou se você confunde seus sonhos com as vaidades. Aí, eu acho perigosíssimo. Porque você nunca vai receber o que você pensa merecer. Há mágoas, ressentimentos que também se misturam à criação. Também, é como se maculasse a própria criação. Eu acho que é muito difícil, mas sempre desejei ser escritora, jurei que persistiria. E não desisti, nunca desisti. Foi a melhor coisa que fiz na minha vida. Porque eu acho que a literatura é sorte. A literatura para mim foi um prêmio. Eu digo sempre que a literatura me deu tudo, ela não me deve nada.

MI: Como você tem se relacionado com a crítica brasileira?

Nélida Piñon: Olha, a crítica oscila muito. Ora, há críticas que são sérias, muito justiceiras, no melhor sentido, ora, há críticas que parece que desejam lhe devorar, desejam cancelar sua existência. Eu sofri críticas, sobretudo no início da minha carreira, tremendas, quase que implacáveis. Não querendo atingir a minha obra, mas o que eu representava como escritora. Mas eu resisti muito bem, já respondi. Nunca polemizei. Porque eu achava, primeiro, que tudo passa, o que você leu hoje não vai ler amanhã, já passou o texto. Depois, o que vale é a obra. O que vale é a sua persistência, a sua coragem de sobreviver, a sua dignidade. Se querem macular você, se querem detonar você, paciência. O importante é que você não se detone.

MI: Você acha que a crítica constrói?

Nélida Piñon: Algumas podem ser construtivas, mas como eu sofri também com esses valores, me habituei a ficar com o que ela pode oferecer de melhor para mim. Entretanto, eu acho que a maior crítica que eu tenho sou eu. Eu acho. Eu é que sou a mais severa. Ninguém é tão severo comigo.

MI: Você é uma mulher de sucesso. Já foi laureada várias vezes. Até que ponto isso interfere na sua vida pessoal?

Nélida Piñon: Interfere no sentido

de que meu tempo é muito menor, é reduzido. Hoje em dia sou uma mulher que tem, realmente, uma vida profissional intensíssima, tenho duas secretárias, e uma série de coisas que não tinha antes. Então, tudo isso interfere no seu cotidiano, mas não interfere na minha paixão pela literatura, na minha disponibilidade humana. Eu sinto, sinceramente, que esses eventuais elementos benfazejos não afetaram meu espírito, minha maneira de ser, absolutamente. Eu sempre fui, não só vigilante, como minha mãe era uma mulher que vigiava muito. Tenho a impressão que se eu tivesse um gesto que ela interpretasse como certa vaidade, certa arrogância, ela me decepava. Ela cortava o gesto. Você entendeu? Eu tenho uma inclinação de me comunicar com todo mundo. Ontem, por exemplo, só para lhe dar uma idéia, fui ao apartamento de uma grande amiga que faleceu, Só fui lá três vezes depois da morte dela. Sempre vou com uma ex-funcionária dela, coisa que eu adoro. Olha, ela é uma mulher simples, adoro conversar com ela, uma mulher fantástica. Gosto mais de conversar com pessoas assim, que tem experiência de idade, do que com aqueles que esbanjam erudição, mas que não alimentam meu espírito, o meu humanismo, o meu interesse pelo outro, pelo que o outro tem de mais

profundo. A casca não interessa. Então, tenho me preservado bem. E acho que a essa altura da minha vida, não vou mudar. Se eu consegui passar incólume por tudo isso, não é agora que vou mudar, Graças a Deus, imagina!

MI: Você tem algum projeto em vista de realização? Alguma coisa iniciada?

Nélide Piñon: Tenho. Eu tenho quatro livros iniciados e bem adiantados. E tenho projetos, mas é engraçado, eu não estímulo muito esses projetos. Pelo seguinte: eu estou num momento da minha vida, que de repente, eu posso ir embora. Mas não quer dizer que eu estou pensando em morrer, nem estou pensando, nem desejando. Mas, não tenho mais, há muitos anos, isso de: vou fazer isso, vou fazer aquilo. Eu acho que a vida é tão inesperada, ela me surpreende tanto! De repente você toma um rumo contrário ao que você pensava tomar há três anos atrás. A minha vida é muito surpreendente em termo de pessoas, de amores, de tudo. Então, essa disponibilidade para a vida é enriquecedora para mim. Agora, o que eu sei, sim, é que nada na minha vida é mais importante do que a literatura. E quando eu digo isso, alguém pode dizer: “E os seres humanos?” É que os seres humanos estão na literatura. Ela não alija nada nem a ninguém. A literatura para mim é uma benção. Ela me ensinou

tanto, sabe? Eu cresço na medida em que escrevo. Cresço como ser humano. A literatura é o meu território profano e sagrado.

MI: Em qual modalidade literária você se sente mais à vontade: romance, contos, crônicas?

Nélida Piñon: Engraçado, eu sempre tive paixão pelo mundo narrativo. É, realmente, a minha grande tentação. Mas, cada vez mais, eu gosto de pensar. Eu sou uma pensadora. Gosto de pensar. Não com a idéia de fazer uma obra filosófica, mas, na idéia de como eu consiga pensar. Para mim, escrever sobre o meu pensamento, ou pensar é estar presente. É como você descascar pele por pele, camadas e camadas, onde você vai visitar a primeira cidade de Tróia, das sete ou oito camadas, até, então, àquela que estava soterrada. Eu acho absolutamente fascinante. Eu adoro pensar. Por exemplo: **Aprendiz de Homero** é um livro de pensamento, **Até amanhã outra vez** e **O pão de cada dia**, também. Eu estou fazendo um livro, está praticamente pronto, só estou vendo as formas, as seqüências. Tem mais de trezentas páginas. É só de pensamentos. Eu gosto da narrativa, das histórias, do que relata, o que é a história do homem ao longo dos séculos. Por isso eu gosto muito da “HISTÓRIA” com “H”. E também, a arte de pensar, o

que provém da arte de pensar. Às vezes, nas minhas palestras, nas que dou de improviso, eu começo a falar assim: “Estou pensando, pensando”. Os meus amigos detestam que eu fale o que vem em minha boca, ocasionalmente. Mas acho que falo como se já estivesse tudo pronto. Engraçado. Há anos que venho pensando. Talvez minha mãe seja a responsável. Eu era muito pequenininha (eu contei isso no **Coração andarilho**), um dia, ela chegou para mim e disse:

- Você é muito inteligente. (Eu fiquei toda orgulhosa).

- Mas... (Quando ela disse: “mas”... pensei: pronto, alguma coisa não está bem).

- Mas... você fala mal. (Eu fiquei tão chocada, porque eu não sabia o que era falar mal).

- Que é falar bem, minha mãe?

- Falar bem é deixar que os outros vejam que o que você falou é o que você pensou.

Para mim, isso foi um dos maiores acertos da minha vida. Era possível alguém falar bem Não para expor uma vaidade, mas para expressar o que, eventualmente, teria que dizer. Aí estava toda minha proteção, minha guarda, mas eu privava os demais do que eu estava pensando. Não que tenha medo de me arriscar. Eu até acho que quando falo para o público, sou muito mais sincera do que quando falo com

os amigos. Não que não esteja sendo sincera. É que com os amigos não tenho tanto interesse de me explicar. (Risos). Os amigos têm que saber como eu sou. Já para o público, eu me sinto tão à vontade. Sou capaz de fazer confidências perigosas. (Risos). Aliás, os amigos, eu não gosto que me façam perguntas, tenho horror, não gosto. Sou uma mulher muito reservada. Sempre fui assim. Era uma característica da minha família. Uma família galega e todos muito cerimoniais.

MI: Você acha que existe preconceito no Brasil com relação ao memorialismo? Ou que o memorialismo pode ser visto como literatura menor?

Nélide Piñon: Não sei... Bom, não temos é tradição. Isso não temos. Há países que, por exemplo, têm a vocação para o memorialismo, outros para a biografia. Os ingleses são grandes biógrafos. Os franceses têm agora, a história das mentalidades. Há países que estão voltados para a poesia, outros são mais narrativos. Não penso que tenhamos uma grande trajetória memorialística, mas, não penso que tenhamos, vamos dizer, preconceito. Não saberia lhe dizer. Quanto ao memorialismo como literatura menor, eu não pensaria nisso também não. Mas, talvez, depois dessa sua informação, pode ser que eu reflita melhor sobre isso. O que eu acho, sim,

é que aqui tem preconceito contra a mulher. Contra o trabalho feito pela mulher. (Você acha?) Ah tem!!! Os homens têm, e fingem ter, e acentuam esse preconceito para não aceitar a sua existência, porque, se eles começam a ver você, eles são obrigados a aceitar e se confrontam com o seu talento. E também, não têm o menor interesse pelo mundo das mulheres. Como se a literatura de mulher só abrangesse temas confinados, só mulher, não fosse um painel social como o de qualquer narrador.

MI: Você se perturba quando sabe que um livro que acabou de lançar estará vulnerável a críticas?

Nélide Piñon: Não. O livro estando na praça, eu tendo entregado, ele não me pertence mais. É muito interessante, eu nunca fiz análise. Pode alguém achar que todo mundo necessite. Eu nunca tive uma premência disso, uma necessidade de fazer. Alguém pode dizer: faltou. Não importa. Porque a literatura é revelação e me faz um bem imenso.

MI: Nélide, como surgiu a ideia para a criação de *A doce canção de Caetana*? A ilusão é o fio condutor desse romance. A velhice é um fator que necessita da ilusão? Fale-me um pouco desse romance.

Nélida Piñon: Olha, o tema surgiu mais da questão da ilusão e da arte. Você começa a ver os pintores, por exemplo, de repente, vê os ilusionistas, não é? Botavam uma pêra, uma fruta no quadro, e de repente, atraíam até os pássaros. Coisas extraordinárias. Eu tenho longos trabalhos sobre isso. Você sente que a arte rouba da ilusão. Sem a ilusão não se consegue captar, atrair quem seja, porque a realidade não é o capítulo primeiro da arte. A arte transgride a realidade. A suposição de uma realidade é que ela seja única; quando, na verdade, a arte trabalha com mil realidades ao mesmo tempo. Para que o artista, no caso o escritor, consiga convencer que o seu texto é real na medida da criação, tanto, não é realista, ele precisa convencer ao leitor de que, o que ocorre no romance é irremediável, é a realidade com a qual ele vai conviver, o que ele vai acreditar. Não é um leitor só, são vários leitores. Como é que se consegue fazer um enlace de todos os leitores. Por exemplo, **Dom Quixote**; como se explica que quem leu **Dom Quixote** se apaixonou. Todos eles. Então, é como se Cervantes conseguisse uma linguagem para cada leitor. Na verdade, a realidade que ele transcreve, é a realidade que convence todos a acreditar no que ele está contando. Não é só o peso da linguagem, uma visão poética, porque acha uma poética

do texto, é porque a ilusão faz com que o leitor passe a acreditar, é fazer com que o leitor acredite. Foi essa a idéia. Eu queria, além do mais, que o romance tivesse um teor crítico de algum modo, também, porque eu escolho personagens peregrinos e artistas, não é? Gente de circo, que são transportadores de ilusões, gente da ilusão. A arte é ilusão. Cênica, tudo é ilusão. Eles, então, são muito pobres, o que me parece uma homenagem ao grande teatro medieval, aos autos, a tudo aquilo. A Caetana, cobra do Polidoro que dê a ela a oportunidade de ser Maria Callas. Portanto, de ser uma mentira. Que, na verdade, não é uma mentira, é uma ilusão, para convencer a quem quer que seja que possa ouvi-la no disco, de que ela é Maria Callas. O Brasil que ali está, que se esposa, é uma ilusão. É o momento em que, inclusive, as pessoas se esquecem de que no tempo do general Médici houve uma ilusão coletiva. Que todo mundo estava satisfeito, as pessoas trocavam a consciência por geladeira, por eletrodoméstico. A copa do mundo foi a primeira mentira. Evidentemente há o problema da idade, do envelhecimento do amor ou como o amor se dá em etapas diferentes, e também, a disposição das personagens. Eu queria personagens diferentes, não exóticas; é que cada ser é um capítulo a parte.

Então, encontram-se ali seres muito originais. Eu teria que reler esse livro, mas a ilusão é o forte.

MI: Quem foi que a motivou na criação da personagem Caetana?

Nélida Piñon: Eu não vou poder dar o nome, qualquer dia eu dou, bem, de algum modo eu posso. Primeiro eu tenho que lhe dizer que eu sempre fui alguém que sempre frequentou ópera. Desde menininha, fui uma frequentadora de ópera e de *ballet*. Foram assim, essas artes de palco que formaram a minha consciência, o meu gosto, a minha paixão, a minha estética. Aprendi o sentido comigo mesma, sentido do melodrama que é muito desprezado pelo intelectual, mas eu acho extraordinário. Tudo isso me forjou um gosto, gosto que eu apurei. Então, sei qual é o limite exato até onde posso transitar para compor essa mulher, essa Caetana. Mas, eu me lembro que conheci há muitos anos, uma mulher excepcional, extraordinária, era a poeta Natália Correa, (olha, eu estou falando nisso pela primeira vez). Ela foi tida como mulher de grande beleza. Diziam os portugueses, os poetas, os escritores famosos, que ela tinha um belo colo, era voluntariosa, temperamental, um gosto brigão. Uma mulher interessantíssima. Eu sabia do histórico dela de poeta, grande conhecedora de cantigas, uma

mulher muito culta. Quando eu a conheci, eu caí para trás. Ela tinha um tipo, um jeito de cantora de ópera e um jeito talvez, de uma mulher que ia para os cabarés, alguma coisa assim. Ela fumava uma piteira, tinha cabelos negros, ainda mantinha os decotes, eu sabia que ela gostava e que ela tinha a fama de temperamental. Eu sou cuidadosa, mas com ela era mais cuidadosa ainda. Porque sabia ser essa mulher, uma mulher de temperamento difícil.

- Como vai Natália Correa?

- Como vai Nélida Piñon? Tu és uma princesa celta. Mas... (igual a minha mãe: “- Você é tão inteligente, mas...”).

- Obrigada.

- Mas... (outra vez o “mas” de minha mãe, vai ver que ela desiste, há tempo).

- Mas, teus olhos são capricho étnico.

Uma maravilha. Porque ela insinua que alguma coisa de diferente ocorrera na minha família, porque com esses olhos assim, eu não podia ser ibérica. Alguém na família fez alguma transgressão. Ela me impressionou muito. E fizemos amizade. No Brasil ela me chamava “a dama de Elche”, que é uma figura, uma estátua feita antes de Cristo, uma peça deslumbrante. É uma preciosidade na Espanha, uma das coisas mais belas. E ela achava que eu era a “dama de Elche”. Foi uma amizade que quando eu ia a Portugal, eu a procurava, saíamos,

jantávamos. Ela era encantadora. E ela me inspirou. As outras figuras a gente vai estruturando, que eu, na verdade, acho que o grande personagem é arquétipo. Ele é construído com todos os aspectos, com todos os sexos, com todos os corpos.

MI: Na sua mitologia pessoal, o que representa o gato, tão presente nessa obra?

Nélide Piñon: Nada relevante, até porque não sou muito amante de gatos. Não tenho intimidade nenhuma com gatos. Até parece que sou uma apaixonada por gatos, mas não sou. Eu gosto é de cachorro. O gato vem de Richelieu, o cardeal, o que está muito ligado à minha infância, porque eu sempre fui apaixonada por Alexandre Dumas, eu li toda a obra dele. O gato vem daí. De certo modo era o processo, os mosqueteiros, os peregrinos.

MI: Como você define a mulher brasileira?

Nélide Piñon: Eu acho que as mulheres e os homens se repetem de alguma forma, eles têm traços como qualquer outro. Mas eles, evidentemente, são afetados por uma antropologia, por uma história, uma religião; a religião modela muito o caráter, o comportamento das pessoas, cria marcas dramáticas. Eu

penso que tanto a mulher quanto o homem é um produto de tudo isso. Naquelas culturas onde os pecados são horrorosos, implacáveis, intolerantes, nós somos reflexos disso. Mas eu penso que tanto a mulher como o homem cada qual com sua distância, de gênero e de comportamento são interessantes. Há uma maneira cordial, embora as pessoas, às vezes, sejam violentas, é verdade. Mas, ainda assim, com toda violência, eu acho que há uma cordialidade. É de bom tom a cordialidade, é de mal tom o mau humor na sociedade brasileira. Já em outras sociedades, ser grosseiro é natural. Grosseiro não na grosseria escatológica, no sentido da rispidez, mas na nossa sociedade não é assim. Não, o europeu tem um mau humor que faz parte do comportamento, não tem formas claras, uma forma de polidez especial, que talvez nos falte, mas nós temos naturalidade, há uma espontaneidade no nosso convívio social, temos a tendência a queimar etapas, aceleramos mais e é muito agradável. Eu acho que o convívio social aqui é muito bom. Mas, ao mesmo tempo, como tenho um temperamento muito especial, me dou bem em qualquer lugar. Eu chego e num instante, mesmo com pessoas, assim, complicadas, me entroso bem, vou trabalhando o indivíduo, no

melhor sentido, com todo respeito, e procuro chegar bem à sua alma. É uma maneira de ser. É uma espécie de tática. É como se eu desejasse entender melhor os obstáculos e as harmonias do convívio humano, é uma atração. Todo mundo pergunta como é que eu sou. Quando eu não quero responder, quando eu não quero me expor, eu me recolho, também gosto da solidão. Mas, quando eu vou, por exemplo, a algum lugar, aí eu me dou, eu acredito na delicadeza, mas sem deixar de ter o controle.

MI: Nélida, muita gente coloca um divisor entre a escrita feminina e a escrita masculina. Como você vê a questão da literatura feita por mulheres?

Nélida Piñon: Ah! O preconceito. Não existe escrita masculina. Aliás, ninguém menciona escrita masculina, repara só. Só existe escrita feminina. Como se o homem estivesse acima de qualquer gênero, então, ele tem a polifonia dos gêneros, é capaz de abraçar todos os gêneros, ele é um ser sagrado. E as mulheres, coitadinhas, continuam dentro do gueto. Você analisa **Dom Casmurro**, não é, ele, o Bentinho, a história que nós estamos lendo não é do Bentinho, e sim, do Dom Casmurro. As pessoas se esquecem disso. É um livro dentro de um livro. Então, o livro, além da extraordinária

habilidade de Machado, ele só ousa ser Dom Casmurro, portanto, dar início ao relato que nós estamos lendo, depois que todos morrem; ela e o filho morreram. Mesmo assim, o autor tem escrúpulo. O narrador tem essa noção, eu quero dizer com isso o seguinte: as mulheres caem nessa armadilha. Eu não aceito em hipótese alguma essa divisória. Eu estou usando uma língua diferente? O que quer dizer escrita feminina? Eu não sou tão inteligente quanto você? Eu acho que o grande escritor é aquele ser protéico que consegue ter todas as formas. Ele tem que entrar no corpo do homem, no corpo da mulher, na pedra, no vegetal. Ele tem que ser capaz de abarcar todas as instâncias, não tem esse negócio de diferença de gênero. Claro que ele vai ter uma afinidade especialíssima, como é o caso da mulher. Até porque não interessa psicologicamente, politicamente, ideologicamente. Aliás, todo mundo diz que eu sou boa em personagens masculinos. Dizem que meus personagens masculinos são redondos. Mas é isso. Então, com isso, se você professa essa idéia, todas as personagens femininas passam a desaparecer para os homens. Então, vai ser uma contratação. Flaubert disse: “Emma c’est moi”. Ficou cinco anos escrevendo isso e só teve quatro ou cinco relações sexuais. (Muitos risos).

MI: Qual é o seu maior sonho atualmente?

Nélida Piñon: Estar viva. Ter tempo de organizar um pouco minha vida. Cuidar do Gravetinho, sim. Esse bichinho está me ensinando, está destronando a minha condição humana. É verdade. Eu estou completamente apaixonada por ele. Ele está me ensinando que a espécie animal é extraordinária, a percepção dos animais é excepcional, não existe esse negócio do leão “rei dos animais”, do homem ser o rei. Não, o homem não é o rei. Nós todos estamos aqui nesse planeta e somos iguais, tem homens e bichos extraordinários. Mas eu não tenho sonhos não. Eu tenho é preocupação (risos). Eu tenho ainda inquietações, sabe? O que mais me atrai mesmo é o conhecimento. É ter ou descobrir alguma coisa. É o conhecimento. É olhar alguma coisa, por exemplo, e de repente, por milagre, fazer analogias. Uma coisa me leva a outra, me leva a outra, eu falo disparado, sou igual a uma máquina: pa, pa, pa, pa... Tudo me enseja a pensar, me enseja a estabelecer analogias quase impossíveis. Isso, sim, me dá um prazer imenso.

MI: Existe algum escritor ou escritora com quem você tenha grande afinidade?

Nélida Piñon: Não tenho grande afinidade com ninguém. Eu admiro

grandes escritoras e admiro grandes escritores. Acho que, talvez, a afinidade que o escritor tem é que todos nós pertencemos a essa confraria da criação. Agora, se eu for falar de escritor, é Machado de Assis. Eu amo Machado de Assis. Fico absolutamente deslumbrada diante do gênio de Machado. Mas entendo o que você quer dizer. Eu tenho afinidade com o talento de muita gente; não diria que tenho afinidades com as mulheres, tenho afinidade com o talento humano: homens e mulheres, mulheres e homens. A obra.

MI: Qual foi a maior alegria que você teve pelo fato de escrever?

Nélida Piñon: (Pensou longo tempo). Quando me avisaram que eu tinha ganhado o prêmio Príncipe de Astúrias, que é o segundo do mundo, eu fiquei contente, mas não posso dizer que tenha sido minha maior alegria. Outros grandes prêmios que recebi, também não. Sabe, eu não me lembro. Talvez quando me chamaram para ver o meu primeiro livro – Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo. Antes de vê-lo, me avisaram que eu ia vê-lo, eu acho que senti uma grande emoção. Tanto que parei, eu estava num carrinho que tinha, meu pai já tinha morrido, então, parei na orla da lagoa, eu estava indo para o Humaitá, onde morávamos. Estava tão emocionada, isso eu me lembro

bem. Parei e pensei: Nélida, você não pode chegar assim tão emocionada, vai ficar muito vulnerável. Eu tinha a sensação de que era a literatura que ia ser maravilhosa. Eu tinha que estar preparada. Entrei, dei um tempo para organizar minhas emoções, e me lembro que fiz uma coisa impressionante, olhei o livro, vi a lombada, e disse: Engraçado essa lombada! (imagina essa crítica), bonitinha essa lombada. O que tinha a lombada? (risos). Depois disso, as emoções vão se repetindo, mas eu tenho a impressão que as minhas são mais associadas a minha carreira. Aí, eu precisei me defender, tive que criar uma pele, uma casca para aguentar o rojão.

MI: Nélida Piñon por Nélida Piñon.

Nélida Piñon: Vamos ver: eu tenho gosto de viver, acho que eu tenho certa simpatia pelas coisas, pela vida, me interessei muito. Tentei, ao longo da minha vida, me aprimorar, melhorar meus valores, tive grandes paixões, arrufos. Eu fico impressionada como eu consegui, de algum modo, me preservar, para chegar onde eu estou, e também, ter respeitado minha família. Sempre tive grande paixão pela minha família, pelo meu pai, pela minha mãe, entendeu? E, como sou uma grande aventureira, mas é meu estilo, hoje com mais cuidado, logicamente, tento,

como pessoa, ser alguém significativa para mim, acho que sou alguém que demonstrou e vem demonstrando uma intensa liberdade de criar, não me afastar dela. E, finalmente, acho que na minha história não há nada que desmereça a escritora que eu quero ser.